

NOTA DO EDITOR

Poucas pessoas ainda se lembrarão da grande celeuma que houve no Rio de Janeiro em torno de uma obra encomendada ao escultor Celso Antônio pelo Ministério do Trabalho. Tratando-se de homenagem ao trabalhador brasileiro — estávamos, então, em pleno “trabalhismo” getuliano — o artista representou-o despido e anatomicamente completo. A obra foi recusada em nome de um falso conceito de pureza, pois como observa Maritain “o cúmulo da impureza é o pudor” e “um padre *sincero* subiria nu ao altar”. “A sinceridade — explica o filósofo neotomista no trecho que estamos citando — exige de alguém que ele seja aquilo que é no mais baixo do seu ser; e a pureza quer que o exhiba” (cf. *Arte e Poesia*. Trad. de Edgar de Godói da Mata-Machado. Rio de Janeiro, Agir, 1947, p. 54 e 55).

Hoje, esculturas eróticas do grande artista que é Francisco Brennand — como as reproduzidas na capa deste número — são tranqüilamente apreciadas em qualquer praça ou edifício, numa demonstração de como são flutuantes os valores morais de que fala Gilberto Freyre em notável ensaio cujo título, em português, perdeu a força expressiva do original: “Morals and social change”.

Trata-se de comunicação por ele apresentada ao Terceiro Congresso Mundial de Sociologia, realizado em Amsterdam, em agosto de 1956, do qual participou como convidado especial. Publicada nos anais do referido congresso, estava até agora inédita em língua portuguesa, para a qual foi traduzida por Waldemar Valente, antropólogo da Fundação Joaquim Nabuco. Junto a outros textos escritos em inglês e traduzidos em vernáculo, “Morals and social change” aparecerá

na obra *Palavras Repatriadas*; mais um belíssimo título gilbertiano, lembrando este o Fernando Pessoa do verso "a minha pátria é a língua portuguesa".

A propósito de língua portuguesa e Gilberto Freyre, temos neste número um estudo do Professor Fernando Alves Cristóvão, cujo livro *Cruzeiro do Sul, a Norte* recebeu recentemente o Prêmio Casa-Grande & Senzala, destinado anualmente à melhor obra de interpretação da cultura brasileira. Ainda sem saber que ganharia este prêmio, o ilustre diretor do Centro de Estudos Brasileiros na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa analisou exatamente a linguagem de *Casa-Grande & Senzala*, em conferência promovida pela Fundação Calouste Gulbenkian, cujo texto gentilmente nos cedeu.

Conhecendo muito bem a nossa literatura, o Professor Fernando Cristóvão sabe distinguir os diferentes discursos que a caracterizam. Neste seu mais recente ensaio, por exemplo, ele contrasta, nesta síntese magistral, a linguagem e o estilo de *Os Sertões* com a linguagem e o estilo de *Casa-Grande & Senzala*: "a prosa do primeiro é dramática, a do segundo cordial; a de um, acusadora, a de outro, explicativa e conciliatória; a do autor de *Os Sertões* pura, peremptória, arquitectônica, retórica, privilegiando a disjuntiva; a de *Casa-Grande & Senzala* miscigenada, problemática, plástica, coloquial, enfatizando a conjunção copulativa".

Outro ponto importante da colaboração do Professor Fernando Cristóvão é aquele no qual o autor de *Cruzeiro do Sul, a Norte* acentua ser "a linguagem conotativa, metafórica e simbólica" da literatura "uma linguagem complementar, e não simples forma de embelezamento e pausa"; por isso — esclarece — sendo a linguagem objetiva da ciência incapaz de dizer tudo, pode ser completada pela "linguagem subjetiva e polissêmica", pois "desde há muito todos sabem ser a literatura também uma forma de conhecimento, sobretudo quando, paradoxalmente, incide em áreas insusceptíveis da análise chamada científica".

Ciência & Trópico também se orgulha em publicar um texto assinado pelo escritor Barbosa Lima Sobrinho, insigne estadista e intelectual que governou Pernambuco e é um dos mais antigos membros da Academia Brasileira de Letras. Trata-se de conferência lida na Fundação Joaquim Nabuco, quando esta comemorou, em 1983, o centenário do nascimento de Getúlio Vargas. Mais do que um depoimento pessoal, como o define o autor, o texto é um retrato psicológico do estadista e sociológico da época em que atuou.

O Professor Evandro M. Câmara aborda assunto muito discutido, em face da insistência com que certos "brasilianistas" têm procurado provar que o preconceito racial é tão grande no Brasil quanto nos Estados Unidos. O Professor Evandro Câmara não pensa assim e mostra as diferenças entre a aculturação negra entre nós e na grande nação norte-americana.

No artigo seguinte, Rachel Caldas Lins e Gilberto Osório de Andrade fornecem, por curiosa coincidência, mais um elemento histórico para a tese defendida pelo Professor Evandro Câmara. Revelando-se, mais uma vez, tão bons em história como nas ciências geográficas em que se especializaram, Rachel Caldas Lins e Gilberto Osório de Andrade divulgam e comentam curiosíssima homilia na qual o insigne cronista Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão faz o elogio da mestiçagem.

Waldemar Valente comparece a este número de *Ciência & Trópico* não apenas como tradutor do ensaio de Gilberto Freyre, mas também como autor de uma oportuna evocação de Sylvio Rabello, o grande intérprete de Farias Brito, Euclides da Cunha e Sílvio Romero, que fundou, dirigiu e animou o Departamento de Psicologia Social do antigo Instituto Joaquim Nabuco.

Uma revista científica não deve contentar-se com o nível dos artigos que divulga. Em época de explosão bibliográfica, as resenhas são imprescindíveis como — para citar palavras do grande Ortega em *Misión del Bibliotecário* — “filtros que interpõem entre a torrente de livros e o homem”. É nossa intenção aumentar o número de resenhas em cada semestre, procurando compensar o número cada vez menor de críticos brasileiros, substituídos por noticiaristas sempre propensos ao elogio de tudo o que recebem de editores ávidos apenas de lucros. Destacamos neste número de *Ciência & Trópico* a resenha do livro *Three Sad Races*, assinada pelo embaixador José Oswaldo Meira Penna, hoje professor da Universidade de Brasília.

A bibliografia deste número — que é crítica e não apenas catalográfica ou *sinalética*, palavra cunhada por Louise-Noëlle Malcès para definir listas que apenas identificam documentos, sem comentá-los — é uma contribuição de *Ciência & Trópico* ao conhecimento da bibliografia brasileira, entendida como registro do que se publica tanto no território nacional como sobre o Brasil em outras nações. Analisando a *Bibliographie de la France* em *L'Année Sociologique*, Victor Zoltowski comparou a bibliografia com a demografia, esclarecendo: “Cette science concrète consiste à tenter le recensement du monde des livres dans sa totalité de la même façon que la démographie procède pour le recensement de la population”.

Edson Nery da Fonseca

